

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

CARLOS NELSON, O QUE UM PROFESSOR DE ARQUITETURA E URBANISMO AFIRMA SOBRE O DESENHO PARA O EXERCÍCIO DA PROFISSÃO...

SESSÃO TEMÁTICA: Carlos Nelson Ferreira dos Santos: pensamento e referências.

Autor

Jorge Baptista de Azevedo

**Escola de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal Fluminense**

jorba@uol.com.br

Resumo

O texto observa a dimensão do professor e educador que, também foi Carlos Nelson F. dos Santos e seus questionamentos sobre o desenho no ensino e na prática da arquitetura e urbanismo. Realiza-se através de um mergulho de volta no tempo, tanto de experiências pessoais como de trechos de suas leituras e aulas, que revivem um período de aprendizado junto ao grande e original mestre, a fim de observar aspectos de seu legado pedagógico e didático.

A introdução é uma espécie de agradecimento pela oportunidade de escrever sobre sua amizade e importância. Após, em um relato de experiências pessoais, observo o quanto o desenho foi o elemento que aprofundou nossa amizade e o quanto pude aprender com Carlos Nelson para seu uso. A seguir, principalmente com o auxílio de seus textos, acrescidos de algumas reflexões minhas e de outros autores, são observados alguns aspectos relacionados ao uso e ensino do desenho, considerados cruciais para o desenvolvimento da profissão do arquiteto e urbanista. Afinal, Santos, porém, em sua análise, sempre considera e reafirma a importância do desenho como fundamental para a profissão. Finalizo com uma homenagem final ao professor.

Na busca de avanços para as questões que envolvem o desenho é uma honra trazer lembranças de orientações e utilizações inovadoras para o seu ensino, através da memória das palavras deste grande mestre e profundo conhecedor das cidades brasileiras.

ABSTRACT

The text notes the importance of the teacher and educator who was Carlos F. Nelson dos Santos and also his questions about the design in the teaching and practice of architecture and urbanism. It takes place through a back dive in time, in personal experiences as excerpts from his readings and classes, which revives a learning period of the great and original master, in order to observe aspects of its pedagogical and didactic legacy.

The introduction is a kind of gratitude for the opportunity to write about their friendship and importance. Then, in an account of personal experience, I observe how the design was the element that deepened our friendship and how much I could learn from Carlos Nelson for your use. Next, mainly with the help of his texts, plus some of my reflections and others, are observed some aspects related to the use and teaching of design, considered crucial to the development of the profession of architect and urban planner. After all, Santos, however, in its analysis, always considered and reaffirms the importance of drawing as fundamental to the profession. I conclude with a final tribute to the teacher.

In the search for advances to the issues surrounding the design is an honor to bring memories of guidelines and innovative uses for your education through memory the words of this great teacher and a deep knowledge of Brazilian cities.

INTRODUÇÃO

A memória do querido e sábio mestre Carlos Nelson F. dos Santos, esperando que este trabalho possa estar incluído no rol dos que mereçam seguir os caminhos apontados em sua obra.

(dedicatória de minha dissertação de mestrado em 1995)

I.1- Uma experiência única

Nunca tive a oportunidade de escrever ou falar diretamente sobre a experiência vivenciada com Carlos Nelson. Minhas poucas homenagens foram realizadas através de desenhos, um rosto seu em nanquim para um evento no IBAM e um céu de giz de cera na UFF do qual escrevo adiante e nada foi registrado ou ficou comigo. Passados muitos anos de sua perda, surge a oportunidade de resgatar, rememorar como ele surgiu em minha vida durante a juventude de estudante, da nossa amizade, do que aprendi através de suas aulas, estágio e de seus legados escritos. Refletir e observar o professor e educador que foi Carlos Nelson Ferreira dos Santos e seus questionamentos sobre o desenho no ensino e na prática da arquitetura e urbanismo.

Este relato parte de uma experiência pessoal, de quem experimentou, e de certa forma ousou ser seu aluno, ampliada, ainda, por suas contribuições através de vivências variadas onde o desenho era uma espécie de ponte ou protagonista. Em um segundo momento descreve algumas de suas reflexões sobre o desenho e seu ensino e uso deixados pelo arquiteto e urbanista. E finaliza com uma espécie de homenagem e agradecimento pela oportunidade de ter conhecido e convivido com o ser humano, o pensador, com o professor e por tudo o que o ele, seja sabendo, ou por outras vezes, até sem saber, fez de bom comigo e, acredito, para tantos outros.

PARTE II

II.I- PESSOAL E INTRANSFERÍVEL

Meu mestre, meu mestre, perdido tão cedo!
Revejo-o na sombra que sou em mim,
na memória que conservo do que sou de
morto...¹

Quando entrei na Uff era um garoto bastante assustado, na verdade junto com outros do mesmo tipo, principalmente colegas que vinham de periferias distantes ou mesmo do interior. Hoje os jovens procuram as coisas na internet e falam com seus professores com intimidade, convidam para o facebook, enfim, mas naquela época as coisas eram diferentes, as distâncias eram maiores para os mesmos percursos. Dizer que foi ousadia ser seu aluno pode parecer controverso, ou mesmo comprometedor, mas dadas as dimensões é preciso reviver um pouco a condição de quem eu era e lembrar daquilo que se dizia e se via de Carlos Nelson, para assim justificar tal afirmativa.

Um dia, lá no começo da graduação, alguém apontou e disse que era ele, depois passei a lhe ver passar nos corredores da Escola, seguido de seu séquito de alunos e professores; ele andava ágil, nervoso, conversando, rindo, debochando e olhando tudo com assustadores olhos de águia. Poder ser seu aluno próximo era coisa para veteranos e feras. Ele era o cara e felizmente nessa fase eu acho que ele não me via, em meu eficiente disfarce de criatura invisível. Professor temido ou adorado, mas sempre referenciado como o crânio, o gênio e dotado de uma crítica feroz e ácida que não poupava ninguém. Certa feita uma menina dessas bem abusadas e destemidas, o interrompeu na subida da escada do casarão e perguntou de súbito: “Carlos Nelson eu quero que você me diga tudo o que sabe sobre o pós-moderno!”. Ele prontamente a devorou e, olhando-a de cima para baixo disse: “Menina, você nem sabe o que é o moderno, como quer saber o que é o pós-moderno?” e prosseguiu rápido seu caminho, deixando-a com o ar estupefato. Nossa radio corredor se nutria com gosto desse tipo das histórias dele.

Talvez esse fosse mesmo o cerne da questão que tanto o fazia ser adorado ou execrado. Ousado, performático, e por vezes nada de politicamente correto, em

¹ Álvaro de Campos in NOTAS PARA A RECORDAÇÃO DO MEU MESTRE CAEIRO (algumas delas) - Textos de Crítica e de Intervenção . Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1980. pg 267.

tempos que o politicamente correto sequer era cogitado. Sinto saudades desse tempo em pessoas podiam ser bem mais sinceras do que hoje, onde se pratica tanta hipocrisia e ‘as cobras não tem mais chocalho nos rabos’, como ele disse rindo, certa vez. Enfim falar de Carlos Nelson é revisitar fases importantes de minha própria vida, que as correrias dos dias, meses e anos acumulados vão soterrando na poeira do esquecimento e por isso mexe muito, pois nesse caso a distância do tempo aumenta a percepção do tamanho de sua importância para mim e para tantos outros.

II.II- CONTATOS IMEDIATOS DE MUITOS GRAUS

Quando remexo no baú da memória, fica notório ter conquistado um lugar na atenção e no coração deste mestre através do desenho. Afinal eu sabia ser de uma categoria, certa feita definida por ele, como sendo “tímido fazendo-se notar”, e eu creio ter usado o desenho para isso. Hoje, ao pensar sobre as origens do desenho que pratico, acredito que tenham vindo do traço do meu pai, que pouco se utilizava dele, mas quando o fazia se expressava muito bem, além de seu trabalho em pintura. Meu bisavô paterno que não conheci, pintava e era desenhista na Casa da Moeda, foi amigo e chegou a pintar com Campofiorito, e ainda existe uma travessa com seu nome em Nilópolis. Acredito que daí, mais os desenhos em quadrinhos, os de Boris Vallejo, Carlos Zéfiro e alegorias de escolas de samba tenham vindo influências para meu desenho livre nas primeiras manifestações exigidas pela graduação de Arquitetura e Urbanismo, que não surtiram sucesso, tais como afirmei em 1995:

“Na época, isso ainda não estava claro; quando tentava trabalhar de uma forma mais livre, observava a discriminação de professores e colegas, que achavam aquele desenho “coisa de artista”, barroco e rebuscado...” (Azevedo, 1995)

Sempre admirei o desenho dos grandes mestres modernistas, entretanto, tal como foi tomado por muitos de seus herdeiros, certos desenhos neles inspirados me pareciam reduzir tudo o que não era arquitetura, e isso foi mais um fator dificultador para mim, pois afinal esse era o desenho que se esperava:

Havia ainda o desenho certo do Arquiteto, ranço de modernistas, que devia ser limpo e asséptico, com poucas linhas e abstraído da paisagem. Árvores eram bolinhas e as pessoas pareciam fantasmas sem sexo, volumes e expressões. ’ (Azevedo, 1995)

Entretanto, quando desenhava e mostrava para meus conhecidos, “as pessoas leigas que os viam, gostavam e entendiam o que representavam, além, é claro, de a partir dele iniciarem todo um processo de diálogo”. Mas eram amigos e pessoas simples das quais se falava pouco, vidas que não ficam para contar histórias, diversidades escondidas.

E esse diálogo era o que eu já considerava importante acontecer, uma vez que, até então, eu era um ser sem voz para muitos colegas da própria graduação, que viam em gente da periferia ou do interior, pobre e que não usava roupa de grife, algo a ser melhor ignorar e, simplesmente, não escutar. Não que isso incomodasse tanto, eu tinha bons amigos, mas queria ser ouvido, pois sabia ter o que dizer. Um dia, já não me lembro de como, nem porque, realizei um teste de admissão para estágio de Arquitetura e Urbanismo no IBAM, mais propriamente para trabalhar no Centro de Pesquisas Urbanas CPU, então coordenado justo por Carlos Nelson F. dos Santos. A prova, entre outras questões, solicitava a ilustração de um texto intitulado “Condomínios exclusivos, o que diria a respeito um arqueólogo?”², que abordava a segregação sócio espacial que, na verdade eu conhecia de outra maneira, através distanciamento dos subúrbios distantes. Eu nunca tinha pisado em um condomínio, isso não existia ainda em Nilópolis onde eu vivia, nem no centro de Niterói onde estudava e morava em uma vaga. Enfim, li o texto e fiz uma pequena história em quadrinhos onde um menino rico e solitário via seu aviõzinho cair numa favela ao lado de seu condomínio e, contrariando suas expectativas, outro menino pobre e favelado lhe devolvevia o brinquedo através das grades de um portão luxuoso. Dali um olhar agradecido e quiçá uma amizade surgia entre seres de mundos separados. Foi uma forma de ilustrar a necessidade de aproximação e confiança entre as pessoas. Para minha surpresa, Carlos Nelson gostou muito da ilustração, e em sua avaliação falou que procurava esse desenho e que eu estava contratado.

Foi uma alegria muito grande, uma aceitação dessa monta, fez com que eu me reavaliasse e dissesse para mim mesmo que vinha vindo numa direção certa, a de defender aquilo que gostava e que, de algum modo, me caracterizava. Assim entrei no IBAM e fui descobrindo um Carlos Nelson diferente, mais próximo daquele que via passar nos corredores da Escola. Desde os primeiros contatos, brincava comigo, dava

² SANTOS, Carlos Nelson F. dos. Condomínios exclusivos – o que diria a respeito um arqueólogo? Rio de Janeiro, Revista Administração Municipal 28 (160): 6-29, jul./set. 1981.

risadas e curti a ver eu e meu amigo interiorano Vinhosa, também estagiário na época, com nossas bestices e sonhos de jovens.

Inicialmente, trabalhei numa pesquisa estatística junto ao arquiteto Alberto Lopes, que se revelou um amigo e me indicava referências de leitura, filmes, histórias e situações que me fizeram conhecer e admirar muito a produção intelectual de Carlos Nelson. Logo após fui designado para trabalhar com Isabel Eiras, justo na ilustração de “A cidade como um jogo de cartas”, e desse modo, mergulhei em um período muito fértil de amizade, descobertas e mais desenhos. Conhecer Isabel, sua inteligência, lealdade e sensibilidade foi muito bom, ela era uma constante ponte de felicidade entre as observações de Carlos Nelson e minha pessoa, pois eu trabalhava diretamente com ela e em sua sala. Ao mesmo tempo eu e Carlos nos aproximamos ainda mais, eu ia sempre a sua sala lhe dar um abraço quando a mesma estava livre e ele estava mais tranquilo, coisa rara, e nessas ocasiões, sempre tinha um dedo de prosa. Quando ele se ausentava vinha uma espécie de preocupação com o vazio instaurado.

Numa certa vez eu trabalhava durante a tarde, Carlos Nelson tinha ido almoçar com Isabel e, ambos me deixaram de sobreaviso da possibilidade da chegada de uma missão africana de trabalho e pesquisa. Na hora concordei e afirmei que os receberia, imaginando que certamente se atrasariam. Entretanto, os africanos chegaram mal os dois saíram e para complicar a situação descobri que o inglês deles era ainda pior do que o meu. Bem, mas eles eram umas pessoas diferentes, divertidas e que estavam curiosos e queriam conversar, além de ser visível o interesse deles nos desenhos em elaboração sobre a prancheta e nos painéis da sala. Daí uma conexão muito interessante se estabeleceu e começamos a nos comunicar através de desenhos, afinal eles também eram bons desenhadores. E, como todos sabem, quando se desenha, nossas ondas mentais se acalmam e, daí entramos no chamado estado alfa, naquele dia parece que isso aconteceu e estávamos embevecidos e distraídos desenhando uns para os outros. Até que então, subitamente percebi uma cabecinha e aqueles olhos inconfundíveis espiando por uma brecha entreaberta da porta da sala – era ele, Carlos Nelson com Isabel a espiar por trás. Bem, nesse instante parei tudo o que estava fazendo e avisei todos de sua chegada, e ele simplesmente falou que eu não deveria ter avisado, pois estava adorando ver o nosso modo de se comunicar.

Carlos Nelson fazia intervenções em meus desenhos, pintava algumas coisas criando novos efeitos, aumentava, analisava e mandava mudar outras. Curtia ver minha “safra” e ficar criando em cima disso. Inventou um carinho que explicava as coisas para os leitores de “A cidade como um jogo de cartas”, desenhamos muitas

carinhas, umas ele gostava, outras não, dizia que estava com cara de bobo ou safado demais, colocava gravata, mudava a expressão. E depois vieram as quadras, desenhei quadras e mais quadras, como já amava plantas, eu ia enchendo tudo de árvores e ele gostava, fiz uma quadra enorme com todas as casas, muitas árvores e uma pipa em primeiro plano. Desenhei muito para o livro, tudo no nanquim e à mão, no final o meu nome nem saiu, mas foi um enorme prazer ter desenhado tanta coisa. Era divertido viver aquilo tudo e se aprendia muito. Eu não ligava quando ele criticava ou mandava mudar algo, havia competência e confiança nele. Nessa fase eu estudava em Niterói, estagiava em Botafogo no Rio de Janeiro, dava aula em um distrito de Nova Iguaçu e morava em Nilópolis. Tinha mesmo de ser bom para poder aguentar.

Triste mesmo foram os primeiros boatos sobre a misteriosa doença que ameaçava nosso professor. Rolava uma expectativa advinda do medo de se descobrir justo aquilo que mais se temia. Valorizavam-se diagnósticos como pneumonia, problemas intestinais, entretanto de melhoras e pioras até sabermos que a pior das piores possibilidades era simplesmente a verdadeira. Como lamento a vida não ter poupado ao menos alguns anos a mais dessa mente brilhante e ainda jovem, ele teria alcançado os novos medicamentos. Doeu muito, tinha tanta dor que creio que isso tenha contribuído para me afastar do IBAM. Foi quando consegui um estágio para atuar no Corredor Cultural para participar de um manual para restauro e preservação de imóveis no centro do Rio de Janeiro, voltado para uma linguagem popular e acessível onde o desenho seria extremamente importante.

Na UFF fui seu aluno na disciplina Teoria da Habitação Popular, em que ele trabalhou junto com a grande amiga Maria Laís, entremeando leitura de textos, testes e trabalhos. No grande trabalho final, fui contemplado com um tema sobre novas tecnologias e materiais para produção da moradia. Eu não estava lá essas coisas, cheguei a fazer uma pesquisa, mas não preparei nada. Na hora fui para o quadro e simplesmente fui desenhando e explicando os materiais, torneiras, sistemas de retirada de lixo, fossas, reciclagem de águas servidas, tudo era desenhado e explicado em uma espécie aula, e eu virei um professor em transe frenético, no fundo para salvar a própria pele. Valeu a experiência docente do Colégio Novo Horizonte em Nova Iguaçu! Quando terminei vi, para nunca mais esquecer, um Carlos Nelson emocionado me dando nota dez e me aplaudindo junto com toda a turma.

No ano seguinte recebi uma bronca dele por não o ter chamado para orientar meu trabalho final sobre a ocupação do Gericinó em Nilópolis, eu tinha escolhido a prof^a. Maria Elisa Meira Canedo, outra pessoa fantástica e docente da EAU-UFF. Ele

observou que lera todo o meu trabalho e que era todo ao estilo “Carlos Nelson”! Talvez essa decisão tenha sido inconscientemente a vontade de lhe poupar de mais esse trabalho, ou talvez eu mesmo tivesse medo de estar ao lado do meu mito desmoronando, cada vez mais fragilizado. Fragilidade que ele soube enfrentar e que eu não conseguia e, na verdade o frágil era eu mesmo. Verdade, também, que Maria Elisa foi uma excelente orientadora, mas Carlos Nelson teve certa razão em seu comentário, eu havia aprendido um novo jeito de utilizar o desenho com ele e abusei disso em meu trabalho. O resultado foi a obtenção do primeiro prêmio de Urbanismo para nossa EAU-UFF, o Arquiteto do Amanhã junto ao IAB-RJ.

Em 1987, no encontro do Icomos em Itaipava vi uma comovente apresentação de Carlos Nelson, onde ele não se conteve e falou do amor da gente simples dos subúrbios, pintando ruas, enfeitando fachadas, doando tanto com o tão pouco que possuem e construindo um patrimônio que ninguém valoriza. Ele tombou em prantos sobre a mesa e muitos, inclusive eu, findamos em lágrimas.

PARTE III

A questão do ensino de desenho é aqui o ponto focal, pois foi a partir de sua percepção e aceitação de minha expressão e uso do desenho, surgida em 1984 na oportunidade de um estágio em sua equipe no IBAM – RJ, fato já narrado, que se instaurou uma fase de novas experiências, aproximações e aprendizados – onde sua influência forte se fez presente em toda uma trajetória profissional e pessoal, inclusive na docência que assumi mais tarde. Durante o mestrado em Educação da UFF escrevi sobre o ensino de desenho nas graduações de Arquitetura e Urbanismo e utilizei bastante o seu pensamento.

De natureza polêmica e inquieta, evidentemente que tal intelectualidade também teve reflexos em suas práticas didáticas e pedagógicas. Carlos Nelson tem uma característica interessante, típica dos grandes mestres, que nos convida não só a ser meros estudantes, mas, também, a de sermos seguidores de seus pensamentos e proposições. Afinal, suas ideias inusitadas e ampliadoras do pensamento da época, continuam atuais, muitas vezes avançadas e não são restritas ao urbanismo, mas transitam por diversas outras áreas do conhecimento, da arquitetura, da antropologia e do desenho etc. e se reatualizam a cada nova leitura. Sua pedagogia, na verdade tem uma longa duração, para aqueles que se permitem sua compreensão. Carlos Nelson era um professor da diversidade, diversidade essa que ele mesmo fazia questão de

representar, inclusive através de sua forma de viver, das palestras e aulas performáticas que incluíam personagens saltadas do tropicalismo e da brasilidade.

Na busca de soluções através da memória das suas palavras, é uma honra trazer lembranças de suas orientações e utilizações inovadoras para o ensino do desenho, deste profundo conhecedor das cidades brasileiras, tais como a de que mexer na síntese pode ser uma forma vigorosa de sacudir todo o processo. Um ser da mudança, cujo pensamento se resume neste esforço, de sábia e característica ironia: “Reflexões sobre o espaço que não sejam capazes de atingi-lo e transformá-lo são puro diletantismo”.

Para Santos, o desenho tem sido o principal instrumento de síntese das soluções arquitetônicas e urbanísticas ao longo da História, entretanto sua evolução determinou sérios problemas. Pois, do modo como foi produzido na história da profissão, o desenho colabora, ainda hoje, para legitimar imposições e distorções que distanciam arquitetos e urbanistas da possibilidade de melhores e efetivas contribuições para o equacionamento dos problemas do uso e da produção dos espaços sociais. Desenhos, que evoluíram na maioria das vezes para utilizarem uma linguagem hermética e tecnicista, propositalmente desenvolvida para se tornarem excludentes e impossibilitadores do entendimento e do diálogo; bem como, ainda, impositivos enquanto sínteses que se afirmam acabadas.

Santos, porém, em sua análise, sempre considera e reafirma a importância do desenho como fundamental para a profissão, tal como observa em sua obra “A cidade como um jogo de cartas”, que: *o desenho constitui a linguagem própria dos arquitetos e adequada à matéria prima de seu trabalho, carregada de conotações metafóricas* (1988:17). A esperança por sua vez, trata-se da possibilidade de novas utilizações, a partir de mudanças no enfoque de seu ensino e uso.

A produção do arquiteto, construída ao longo da história, determinou cristalizações de sua imagem e produções profissionais as quais, constituem hoje um legado que, em muitos aspectos, precisa ser renovado, frente às modificações cada vez mais velozes das possibilidades tecnológicas, sociais e econômicas, que obviamente repercutem-se em novas formas de organização dos espaços das ações humanas.

A necessidade de melhoria da produção gráfica do estudante brasileiro de Arquitetura e Urbanismo é um fato. Mas, também é necessário que tal melhoria tenha uma articulação, de um mesmo grau de qualidade, com reflexões sobre as implicações

e desdobramentos de seu uso. O desenho pode ser abstraído enquanto fato político (Azevedo 1995), um poder articulador e enunciador de novas propostas que resultam nas paisagens e lugares onde a existência humana se desenvolve. O que está por trás de tais configurações, bem como o que determinam adiante, é o que mais interessa. O desenho enquanto limite ou transição entre a criação e a realização não deve ser um estreitamento de possibilidades visando poucos domínios de alguns, e este é um aspecto que precisa necessariamente ser reavaliado. Seja o desenho de carvão sobre papel comum, seja o desenho realizado em computadores de última geração, não deve ser uma linguagem que coíba a compreensão por parte dos não arquitetos, nem tampouco a do próprio arquiteto enquanto interlocutor de desejos alheios.

Infelizmente, como já dito em 1995, quando ainda se praticava o desenho técnico manual, o ensino do desenho tem sido, desde então, em uma das melhores hipóteses, um panorama de técnicas, sem a devida reflexão experimental de suas múltiplas aplicações. Desvincula-se de um estudo para desenvolvimento de uso e coerência da linguagem gráfica adotada frente às necessidades, sempre reatualizadas, da arquitetura e do urbanismo. Sendo assim, manter tal uso da linguagem do desenho da arquitetura e do urbanismo e especialmente na educação e ensino de seus profissionais é no mínimo supor que estamos deixando para outros o tratamento de uma questão que muito nos deveria interessar.

Uma linguagem pronta e acabada é uma linguagem morta. O desenho do arquiteto e do urbanista, como linguagem especificamente destinada a se articular com intenções e desejos sobre espaços a serem produzidos e vivenciados, não pode limitar-se a conviver com sua própria representação estática, pois as cidades e as pessoas continuam vivas e em movimento. Cabe aos arquitetos e urbanistas estudar melhor estes desenhos e seus intentos.

Todos deveriam saber desenhar ou ao menos compreender uma determinada linguagem gráfica. O computador pode ser esse meio, afinal já é uma ferramenta que acelera os processos lentos e arcaicos, mesmo artesanais, dos antigos modos de obtenção dos desenhos, deixando tempo livre para a reflexão e participação dos arquitetos e usuários. Do próprio universo tecnicista, das "ciências duras" como afirma Guattari(1990:23), poderão brotar novas possibilidades de rompimento com a rigidez que o caracterizou por tanto tempo. Todo um devir máquinico, capaz de multiplicar *ad infinitum* as possibilidades de representação gráfica - incluindo cores, texturas e volumetrias, além da agilidade tanto na produção, como na comunicação dos resultados – já existe no planeta e se populariza a cada dia. As mudanças advindas de

tal processo serão imensas quando superarmos o encantamento que causam. Jovens já criam diretamente com computadores, ainda assim, a elaboração de croquis ligeiros manuais continuam a acompanhar processos criativos de grandes profissionais e liberam a dependência de tecnologias nem sempre disponíveis.

A transversalização do conhecimento humano pode caminhar em velocidades jamais vistas produzindo o transconhecimento de bases transculturais para instaurar o contato respeitoso com o universo do outro. Outros riscos também se anunciam: manipulação midiática do conhecimento, arcaísmos reavivados de intolerância e virtualidade em substituição a contatos reais já se fazem presentes em nome da cobiça e da avareza de um capitalismo tardio que, por vezes se nutre de paradigmas superados e visões reducionistas. Toda essa velocidade da informação deve contribuir na busca de soluções para os atuais problemas planetários, em especial, o rompimento com o multiculturalismo segregador e a recuperação ecológica capaz de reavivar o interesse humano pela vida, por nós mesmos. Como afirma Gadotti:

Por não ter essa visão holística, não conseguiram dar nenhuma resposta para tirar o planeta da rota do extermínio e do rumo da cruel diferença entre ricos e pobres. Os paradigmas clássicos estão levando o planeta ao esgotamento de seus recursos naturais. A crise atual é uma crise de paradigmas civilizatórios. Educar para outros mundos possíveis supõe um novo paradigma, um paradigma holístico.(Gadotti,2007)

Carlos Nelson falava que o pesadelo é melhor do que o sonho, pois nos obriga a acordar e que, enquanto os arquitetos sonham, cidades se erguem, ampliam-se e até mesmo desaparecem. Muita coisa já foi feita distante das antigas pranchetas abandonadas, Sketch ups, Revits e Autocads, e é bem verdade que existem exemplos fantásticos de criatividade e bom senso. No entanto ainda são numerosos os desabamentos anônimos, as aglomerações que impedem a circulação e implantações de redes de esgotos e água. Esforços de uma vida que se vão a uma noite de tempestade, territórios espacialmente marginalizados, resistentes em sua caoticidade, à urbanização, estigmatizando e condenando seus moradores a condições quase impossíveis de vida.

O déficit habitacional brasileiro persiste, apesar dos avanços das políticas sociais implementadas, o diagnóstico das cidades brasileiras mostra que a urbanização no Brasil é excludente, desorganizada, centralizadora e desordenada,

muitas vezes destruindo até coisas que já foram bem feitas.³ Anda-se para frente em urbanização e para trás em urbanidade.

Tais dados reforçam o quanto existe por ser feito. Um estudante europeu, como certa vez afirmou a professora Cristina Mello, convive com o peso de sua própria cultura, a Arquitetura de grandes mestres do passado está quase sempre presente, e as cidades e territórios, com ocupações sobrepostas através da História, possuem um certo ar de já estarem prontas e, portanto, um caráter por vezes limitador. Aqui, muito pelo contrário, com exceção de alguns trechos de bairros privilegiados, tudo parece estar por ser feito. Há muito trabalho a ser realizado e a contribuição dos profissionais de arquitetura e urbanismo poderá auxiliar na construção das cidades subjetivas como referidas na obra de Guattari(1992), enquanto espaços privilegiadores do reencantamento com a espécie humana e a civilização. O desenho é da natureza do holístico.

Carlos Nelson nos deixou uma proposta metodológica que aponta para a necessidade de *romper as separações absolutas entre síntese e análise* para atingirmos uma reflexão consciente sobre cidades. O desenho, que hoje apenas sintetiza terá de se guiar por novos caminhos como afirma o trecho a seguir:

" Como jamais terão lugar ou (cabeças...) para abrirem seus mapas em escala 1:1, serão obrigados a fazer análises de estruturas arbitrária e toscamente estabelecidas. Até aí nada de mais. Nisto consiste o método intelectual. O perigo é que, do exercício, resulte um emascaramento mistificador. O desenho pobre das supostas estruturas que suportam ou determinam meios urbanos reais só se justifica se, voltando a eles, for negado e superado. Quem pensa ou quem atua terá de perceber que lida com representações, descrições que tem tanto valor quanto muitas outras de natureza distinta, neste tipo especial de sistema de símbolos chamado ciência. Aprenderá então, com humildade, as muitas lições que lhe podem oferecer campos tão inusitados como o religioso, o familiar, o dos comportamentos etários, o do trabalho, o do lazer, o da política etc.(...)

Além de pregar contra a erudição gratuita de certos pensadores, nos convoca a ver a cidade como fonte de inspiração:

³ Fonte: Relatório Brasileiro encaminhado à última reunião preparatória em Nova York, que antecede a 2a. Conferência de Assentamentos Humanos (Habitat 2) das Nações Unidas. Publicado na Folha de São Paulo, Caderno 3, pag.1, de 30 de janeiro de 1996, São Paulo.

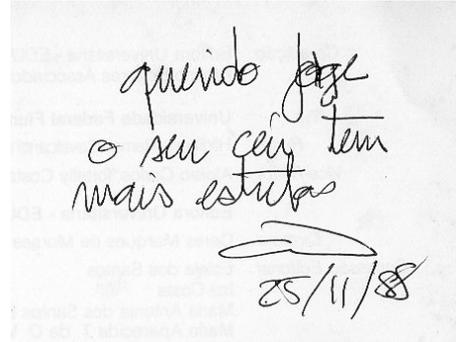
Reflexões sobre o espaço que não sejam capazes de atingi-lo e transformá-lo são puro diletantismo. Centros urbanos são, em si mesmos, fontes abertas e inesgotáveis de idéias que saltam de seu simbolismo escancarado e são todos os dias decodificadas, absorvidas e re-elaboradas, nas ruas, nas praças, nos meios de transporte, nos locais de trabalho, em todo canto."(Santos, 1988:46)

CONCLUSÕES

Últimas lembranças e homenagem final

Das minhas últimas lembranças de Carlos Nelson, fica a festa na Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense. Isabel organizou um evento, uma grande homenagem para o lançamento do livro "A cidade como um jogo de cartas" na Escola. Houve uma grande oração com as pessoas segurando velas numa espécie de procissão pelo pátio entre o Casarão e o Chalé. Foi um momento muito espiritualizado. Ele estava magrinho, em uma cadeira de rodas, mas tinha um olhar novo de uma serenidade que eu desconhecía e me surpreendeu. Isabel me pediu para fazer um desenho imenso sobre folhas de papel que forrasses uma parede inteira de uma das salas térreas do Casarão. Fiz um imenso céu, com nuvens e estrelas tudo no giz de cera. Foi minha forma de homenagear ele, de lhe desejar essa imagem de voo, de libertação.

Na hora que comprei o livro ele fez um autógrafa que me acompanha toda a vida, com sua letra já um pouco trêmula ainda muito bela, junto de um abraço tão suave, de braços já debilitados e finos, tão distante de nossos antigos abraços apertados e cheios de bom humor malicioso. Nessa dedicatória ele afirma "Querido Jorge, o seu céu tem mais estrelas". Eu já recebi muitas dedicatórias, tantas tão lindas e cheias de afetividade. Entretanto, em toda a minha vida nenhuma me tocou tanto como aquela e, mais uma vez, ali se revela em seu poder de síntese a sua genialidade, seu instinto que parecia estar além de qualquer tempo e espaço demarcados. Ali tinha muitas histórias, algumas até só nossas, sobre vida, amor, dignidade, saúde, cuidados, profissão, futuro, sobre tanta coisa que eu sequer sabia que ainda iria acontecer. A cada dia essas palavras reverberam mais sentidos e parece que ele sabia de tudo. Professor bom ensina para a vida, para toda vida e segue conosco.



Soube de sua morte quando estava voltando de uma longa viagem de ônibus da Argentina, mais precisamente de Buenos Aires, voltei pensando muito nele a contemplar a paisagem dos pampas, a imensidão do céu estrelado. Só sei que, talvez existam mesmo muitas estrelas em meu céu, mas nenhuma brilha ou brilhará tanto como a sua para a escolha do meu norte, meu querido e eterno mestre.

BIBLIOGRAFIA

AZEVEDO, Jorge Baptista de. *Um olhar sobre o ensino de desenho na formação do arquiteto e urbanista brasileiro*. Dissertação de Mestrado. Escola de Educação. UFF. Niterói. 1995.

BADIOU, Alain. *Métaphysique du Bonheur réel*. Paris : Presses Universitaires de France, 2015. 90 pages.

BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. trad. Carlos Alberto Medeiros, Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BHABHA, Homi K. *O lugar da cultura*. (2 ed.) trad. Myriam Ávila Eliana Lourenço de Lima Reis Gláucia Renate Gonçalves. Minas Gerais: Editora UFMG. 2013.

GADOTTI, Moacir. *Educar para um novo mundo possível*. São Paulo: Ed. Publisher Brasil, 2007.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. São Paulo: Papyrus, 1990.

GUATTARI, Félix. *Caosmose- um novo paradigma estético*. Trad. de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LENOIR, Frédéric. *Du Bonheur, un voyage philosophique*. Paris : Librairie Générale Française, 2015.

LOPES, Denilson. *No coração do mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2012.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Dória. Rio de Janeiro, Editora Bertrand, 1988.

PEIXOTO, Paulo de Tarso de Castro. Multiculturalismo, Transculturalismo e heterogênesse urbana: composições de diversos para a produção do transconhecimento. *Revista Visões* nº 7, 2009.

PRIOREF, Luc. *Le Bonheur – Anthologie de textes philosophiques et littéraires*. France : Imprimerie Graphique de l'Ouest. 2006524 pages.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. *A cidade como um jogo de cartas*. Niterói: Universidade Federal Fluminense: EDUFF; São Paulo: Projeto Editores, 1988.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos & VOGEL, Arno. *Quando a rua vira casa – a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. (2ª Ed.). Rio de Janeiro: Convênio IBAM/FINEP, 1981.